

Relendo os Índios: a produção antropológica sobre os Tembé.¹

José Rondinelle Lima Coelho²

Palavras-chave: Indígenas, Tembé, Antropologia.

Breve apresentação dos Tembé

Os Tembé do Guamá estão em aldeias às margens do rio Guamá, na Terra Indígena Alto Rio Guamá, mas não apenas na Terra Indígena Alto Rio Guamá, os Tembé do Guamá são as unidades familiares que residem fora da referida Terra Indígena, que estão nas comunidades de agricultura familiar que se formaram no entorno desta, em cidades como Capitão Poço-PA e Ourém-PA. Tais aldeias e cidades mantêm uma relação estreita com a história dos membros deste grupo indígena. Digo isto, para reforçar que meu campo de pesquisa etnográfico se limita as aldeias e indígenas Tembé que residem na Terra Indígena Alto Rio Guamá, além dos índios Tembé que estão nas proximidades desta Terra Indígena.

Apesar disto, as obras que analiso a seguir tratam dos Tembé em diferentes momentos e espaços, sejam em Terras Indígenas oficialmente reconhecidas, como o caso da Terra Indígena Alto Rio Guamá e a Terra Indígena Turé-Mariquita, no município de Tomé-Açu-PA, ou os Tembé de Santa Maria que residem em duas aldeias no Município de Santa Maria do Pará, em contexto urbano, nas aldeias Areal e Jeju e que estão em luta pelo reconhecimento de sua área junto aos órgãos competentes.

Ademais, não posso deixar de mencionar, uma quantidade considerável dos índios que por motivos dos mais diversos escolheram residir em contextos urbanos, seja para buscar postos de trabalho, por conflitos dentro de suas aldeias, busca por tratamentos de saúde, melhores condições e oportunidades de estudo. Isto deixa claro que a diversidade é uma marca dos Tembé, seja em relação aos locais onde residem, seja na própria formação de suas identidades.

Portanto, as questões que surgiram diante da complexidade que representa o povo Tembé, estão ligadas, também, aos fatores motivadores que suscitaram a necessidade de se tentar entender a produção enográfica nos diversos momentos e os agentes sociais que as produziram. Assim, percebi que a relevância de tais obras são tamanhas, a ponto de ajudar na

¹ “Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.”

² Professor de Educação Básica.

construção de uma visão sobre os indígenas pelos não indígenas, sejam elas positivas ou negativas.

Revisão/Reflexão Bibliográfica

A viagem de Dodt ao rio Gurupi e seu relatório sobre aquela região, ainda hoje o coloca como um dos primeiros textos de caráter etnográfico sobre o grupo Tembé que reside nas margens do rio Guamá, os quais mais tarde seriam um dos motivos da criação da Reserva Indígena Alto Rio Guamá (março de 1945). Gustavo Luís Guilherme Dodt era engenheiro, de origem alemã, contratado para preparar uma descrição da região do rio Parnaíba e Gurupi, com o intuito de ligar através de linhas de telégrafos as áreas habitadas dessa região (DODT, 1973[1873]).

O livro de Dodt, intitulado “Descrição dos Rios Parnaíba e Gurupi”, também é fonte para estudar os demais Tembé, que estão hoje à margem direita do Rio Guamá, e também são citados no relatório de Dodt (2008[1873]). No entanto, foi com a visita do pesquisador ligado ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), Jorge Hurley, em 1918, que fez uma viagem com o objetivo de conhecer os Tembé que residiam no Alto Rio Guamá, na foz do igarapé São José³ que os Tembé passam a ser incluídos na antropologia indígena. O texto de Hurley (1920) revela o grupo vivendo na aldeia São José da Cachoeira Grande, esta, que por sua vez, está na memória dos velhos índios como sendo a mais antiga aldeia Tembé da região.

Assim, o que proponho neste ensaio é uma revisão da bibliografia antropológica feita sobre os Tembé e, assim, oferecer uma contribuição para os pesquisadores que pretendam discutir temas que envolvam o grande grupo dos índios Tembé. Farei isto a partir das leituras que realizei a época da pesquisa de Doutorado em Antropologia Social que defendi em 2019 na Universidade Federal do Amazonas. Por isso, antes de mais nada, chamo a atenção para a relevante contribuição dos textos aqui destacados para quem busca estudar os grupos Tembé: sejam os do rio Gurupi, os Tembé do rio Guamá, os Tembé de Tomé-Açu e os das aldeias Areal e Jeju, essas duas últimas no município de Santa Maria-PA.

Depois de mais de oito anos lendo sobre o referido grupo, fica evidente a incipiência de pesquisas antropológicas que tratem das varia possibilidades de temáticas sobre os Tembé, o que, de certa forma, revela a falta de interesse dos pesquisadores no que diz respeito a esse

³ Afluente do rio Guamá e que deu nome à região conhecida como São José e, também, emprestou seu nome para a aldeia São José, local em que residiam a maioria dos índios Tembé, antes de atravessarem para o lado direito após a demarcação da Reserva Indígena Alto Rio Guamá.

grupo Tupi, pois, mesmo tendo suas terras em local de “fácil” acesso, quando comparadas a outros grupos mais distantes e que recebem bem mais atenção de antropólogos. Depois do artigo de Hurley, em 1920, teremos apenas em 1984 o texto de Expedito Arnaud sobre os Tembé do rio Guamá, situação que confirma a falta de interesse antropológico, o que pode ser resultado, e aqui falo hipoteticamente, do resultado do próprio ofício do antropólogo.

Pode-se considerar que as teorias de aculturação, tão marcante nos textos de americanistas da primeira metade do século XX, como os antropólogos Charles Wagley e Eduardo Galvão, ainda possuem grande efeito sobre grupos indígenas, nos quais eu incluo os próprios índios Tembé, quando se constata que as expectativas de tais pesquisadores relegavam a povos indígenas como estes a perda de sua identidade indígena, passando, com isso a um processo de aculturação em um tempo relativamente curto. No entanto, este destino fatídico, previsto por Wagley e Galvão, se referiu aos índios Guajajara, os quais não seriam mais índios devido à proximidade com a sociedade ocidental (WAGLEY; GALVÃO, 1961) e a apropriação de elementos culturais ocidentais.

Portanto, a lacuna de quase quarenta anos, no que diz respeito a textos antropológicos sobre os Tembé, também se deu devido a afirmações de que esse grupo não seria mais indígena. Essa situação acabou por desviar o interesse de pesquisadores que se voltaram para outras áreas étnicas, pois os Tembé, agora “aculturados”, não figuravam como assunto interessante para as pesquisas etnológicas. Assim, os pesquisadores que se interessam pela antropologia feita sobre os Tembé precisam, necessariamente, verificar as primeiras produções sobre o grupo, que, por sua vez, foram feitas por engenheiros e outros profissionais ligados ao ministério da agricultura, Instituto Histórico e Geográfico do Pará e em tempos mais distantes, por viajantes e missionários. Apesar disso, não são menos importantes que os produzidos por antropólogos mais atuais, mas figuram como grandes contribuições sobre a História e Sociedade Tembé.

No caso dos Tembé do Gurupi, é indispensável o trabalho de Dodt (2008 [1873]), que faz uma descrição da região do rio Paranaíba e Gurupi, em seu livro organizado em duas partes, uma sobre a região do rio Paranaíba e outra sobre a região do rio Gurupi. Nesta obra, o autor dá prioridade à localização desses rios e proximidades, fazendo uma densa descrição de elementos físicos e sociais. Assim, o autor fala de nascentes de rios, barreiras naturais - como cachoeiras e grandes árvores tombadas sobre o rio -, extensão e profundidade, tipos de árvores, espécies de peixes e demais animais que são encontrados desde a nascente até sua foz. O livro é muito rico em detalhes sobre a região, pois apresenta tabelas com informações da fauna e flora, além de detalhes sobre vilas e demografia das regiões do Paranaíba e Gurupi.

Dodt (1873) dá destaque a prática da agricultura na região do rio Gurupi pelos índios “Timbé”⁴, nessa ocasião, eles plantavam fumo em um dos afluentes do rio Gurupi, nas margens do rio Uraim, rio que nasce onde hoje é o município de Paragominas-PA, passando pelo município Nova Esperança do Piriá-PA e entra na TI Alto Rio Guamá, desaguardo no rio Gurupi. Sobre o cultivo do fumo pelos Tembé, Dodt faz uma comparação, afirmando que o tabaco indígena não é “só de boa qualidade, mas de superior qualidade, ainda que não muito forte” (Dodt, 2008[1873], p. 89). Fala também de lugares como Cajuapara, que aparecem em narrativas mitológicas dos próprios Tembé quando narram sobre a residência dos “*Karuwaras*” – seriam seres encantados, espíritos e/ou sobrenaturais (COELHO, 2015). Neste livro, O autor relata uma diversidade de grupos indígenas ocupando a mesma região, mantendo relações, às vezes harmoniosas – a relação dos Tembé com Timbira – e às vezes conflituosas - a relação Tembé com os *Ka'apor* -, além de informar que os *Ka'apor* residiam entre os rios Coraci-Paraná e rio Piriá.

Além disso, o autor ainda traz conteúdo sobre a presença, na região do rio Gurupi e seus afluentes, de negros em quilombos. Some-se a isso, a própria presença de tais negros vivendo em aldeias com os Tembé, os Timbira e até os *Ka'apor*. Dodt, destaca a presença de outro grupo indígena, que segundo o autor, era o mais perseguido por todos os acima citados, os índios Guajá, nômades, que viviam em pequenos grupos de “1 a 4 casais, sem habitação certa e perseguidos por todos os outros índios. Eles vivem na mata mais cerrada” (Dodt, 2008[1873], p.100).

A obra de Dodt permite acesso a informações sobre parentesco, narrativas, relações comerciais entre os diversos grupos naquela complexa área, assim como dados de epidemias que assolaram, naquele período, os grupos indígenas, que mais tarde reapareceriam nos escritos de etnólogos, como *Curt Nimuendaju*. Portanto, as contribuições desta obra vão além da própria necessidade histórico-antropológica, mas alcançam importância na área da geografia e geologia. Para mim, devido minhas inquietações para conhecer a história e sociedade Tembé, os dados daquele período representam uma grande contribuição, apesar de que Dodt precisa ser lido com todo cuidado e crítica, visto que ele era um agente do ministério da agricultura e seus objetivos estavam nitidamente ligados à colonização e exploração da região, diferente de pesquisadores como *Curt Nimuendaju*.

⁴ Segundo Mércio Gomes (2002) “(...) o nome de Tembé, que significa simplesmente “lábios” na fala tupi da época, provavelmente em alusão ao hábito de furar o lábio inferior para colocar um tembetá, que podia ser um cilindro de resina ou uma taquarinha. Ainda hoje, os *Tenetebara* são conhecidos por Tembé nessa região e no Pará, embora há muito tempo não usem mais enfeite labial.” (p.49)

Em texto publicado em 1915, *Curt Nimuendaju*, também foi outro pesquisador que deu atenção aos Tembés do Gurupi e seus escritos antropológicos. Este autor dá ênfase às narrativas mitológicas do grupo. No entanto, a figura de *Curt Nimuendaju* é tão importante para a história do grupo, no sentido em que, devido à proximidade com etnólogos americanistas, por possuir vastas experiências entre outros grupos indígenas, inclusive adotando nome que lhe foi dado por um dos grupos que visitou, traz à tona mitos e organização social deste povo Tupi. Isto pode ser constatado, devido o destaque dado a principal narrativa Tembé, o mito de Maíra, seu texto, provavelmente, é o primeiro registro Tembé com orientações antropológicas, embora não tivesse formação universitária, sua proximidade com o SPI, Museu Paulista e renomados pesquisadores da época, lhe conferia alguma autoridade nos debates da antropologia do período, apesar de que este autor demonstrava visível declínio diante das populações indígenas “consideradas em grau avançado de aculturação” (AMOROSO, 2001, p. 180), teoria ratificada na importante obra de Wagley e Galvão, como falei anteriormente e que tratarei com mais detalhes a seguir.

No livro de Charles Wagley e Eduardo Galvão, intitulado “Os índios *Tenetehara*: uma cultura em transição”⁵, publicada originalmente em 1941, na Columbia University Press, os *Tenetehara* são avaliados de forma negativa, no que diz respeito ao processo de assimilação à sociedade não indígena, ou seja, segundo estes autores, os *Tenetehara* seriam extintos devido à apropriação de elementos da sociedade “civilizada”. Portanto, o grupo iria ser totalmente integrado à sociedade brasileira não indígena, perdendo sua identidade indígena, o que pode ser constatado no trecho a seguir:

Concluimos com a afirmação de que dentro do espaço de vida de uma geração, ou pouco mais, o processo de mudança dessa cultura tribal indígena para uma regional, brasileira, estará em vias de se completar. Afirmação essas que tem valido algumas críticas. Uma que as consideram otimista, outras que põe sérias dúvidas sobre a possibilidade de realizar-se o processo assimilativo. As dúvidas têm fundamento. Muitas tribos indígenas existem, até o presente, que tem resistido, e nada indica que não resistirão no futuro, ao processo de integração à comunidade brasileira. Em muitas situações de contato, a resultante não se traduz em assimilação do tipo que descrevemos para os *Tenetehara*. (WAGLEY E GALVÃO, 1961, p 10.)

A partir do exposto acima, pode-se verificar que, provavelmente, os *Tenetehara* padeceram diante das teorias de antropólogos, ou seja, os antropólogos foram também responsáveis por uma perspectiva naturalizante e essencialista que disseminavam a ideia que

⁵ Edição publicada em 1961.

alguns grupos indígenas desapareceriam, tendo em vista a proximidade com a sociedade ocidental. Por isso, ainda hoje, os antropólogos são duramente criticados entre os próprios membros deste grupo indígena, Tembé do Guamá. Portanto, a repercussão da obra supracitada, unida à própria teoria de aculturação, foi decisiva, durante um relevante período, para que pesquisas antropológicas não fossem realizadas sobre o grupo Tembé, pois muitos buscaram, naquele momento, grupos com menor contato com a sociedade nacional. Some-se a isso, o próprio discurso difundido entre a população não indígena, que é condizente com a teoria de aculturação e reforça que para ser índio, exige-se uma condição primitiva no que diz respeito a suas práticas culturais. Corroborando com essas afirmações, John Manuel Monteiro, em artigo para o livro “A Temática Indígena na Escola” – que teve sua primeira edição em 1995– aduz que,

De fato, autores como Gabriel Soares de Sousa, Simão de Vasconcelos, Alexandre Rodrigues Ferreira, Carl Von Martius, F.A. Varnhagen, Karl Von den Steinen, Capistrano de Abreu, Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro – entre tantos outros, como os integrantes dos Institutos Históricos e Geográficos Estaduais – todos buscam, a seu modo, diante dos desafios políticos e limites teóricos de suas perspectivas épocas, atribuir um significado à história das populações indígenas. Porém, se há um traço comum entre estes observadores e pensadores, tão dispersos no tempo, é o pessimismo com que encaravam o futuro dos povos nativos. (MONTEIRO, 1995, p. 222)

No entanto, já tem um tempo que o pessimismo tão presente nas linhas textuais de antropólogos renomados, como os citados no trecho acima, vêm perdendo lugar para projeções positivas, visto que, as contraposições, no que diz respeito ao futuro de “extinção” das sociedades indígenas, se fortalecem com os próprios índios, que mostram resistência frente aos ataques que lhes são infligidos pelos governos, tanto no que diz respeito ao fortalecimento de sua cultura, como na luta junto à justiça para que seus direitos sejam respeitados.

Este momento, o de fortalecimento dos grupos indígenas, para os Tembé data do início da década de 1990, período que se apresenta como campo fértil para pesquisadores. Diante disso, é neste momento que estudiosos são levados por uma antropologia mais reflexiva, que lhes permite pensar os índios a partir do contato com as sociedades não indígena, sem desconsiderar sua trajetória histórica e a permanência de elementos de sua cultura. Portanto, é a partir daí que a antropologia feita sobre os Tembé do Guamá, passa a problematizar os diversos temas que surgem deste contato, sem que tais grupos percam seu *status* e direito de se dizer indígena, com isso, constroem-se ferramentas de luta, tanto para o próprio grupo, quanto

para indigenistas, que se mostram sensíveis à garantia do direito desses grupos, assim como afirma Jonh Manuel Monteiro no trecho a seguir:

Nos últimos anos, entretanto, o pressuposto de que os índios simplesmente deixarão de existir começou a ser revertido, de modo que hoje, talvez pela primeira vez na história do Brasil, paira uma certa nuvem de otimismo no horizonte do futuro dos índios. A principal voz discordante, em enfática negação da tese do desaparecimento, pertence aos próprios índios que, através de novas formas de expressão política – tais como organizações indígenas -, reivindicam e reconquistam direitos históricos. O novo indigenismo, por seu turno, encontrou, desde a primeira hora, fortes aliados no meio antropológico, que passaram a pautar suas pesquisas não apenas a partir de interesses acadêmicos, mas também pela necessidade de fornecer subsídios para as lutas e reivindicações dos índios. (MONTEIRO, 1995, p.223)

Portanto, tem-se que a antropologia pode servir para fortalecer ou enfraquecer o movimento pela construção de protagonismo dos diversos grupos, sejam eles indígenas, quilombolas ou qualquer outro grupo que precise reclamar sua identidade diante de demandas com estado. Por isso, muito do que foi escrito no passado e é atualmente, precisa de um filtro reflexivo no que diz respeito à imagem criada sobre determinado objeto de pesquisa, pois, mesmo autores considerados autoridades no que fazem, recebem críticas e releituras, como é caso de Lévi-Strauss.

No texto “Uma etnologia dos ‘índios misturados’? situação colonial, territorialização e fluxo cultural”, o autor João Pacheco de Oliveira faz uma crítica à postura essencialista de Lévi-Strauss, ao afirmar que o estruturalista francês reconhece como interessante para a etnologia apenas os grupos com pouco contato com a sociedade ocidental, ou seja, pois para Lévi Strauss o momento ideal para aplicação de sua teoria repousa logo “após os primeiros contatos dos indígenas com os portugueses” (PACHECO, 1997, p. 49), afirmação feita ao tratar, entre outras coisas, das narrativas mitológicas Tembé em suas importantes obras: as mitológicas I e II.

Vale ressaltar que Lévi-Strauss apresenta, mesmo com dados de segunda mão, os Tembé, em suas obras sobre mitos indígenas - As Mitológicas - e por mais que o autor não se refira aos Tembé no período em que escreveu sua obra, década de 1960, ainda assim, os dados utilizados por Lévi-Strauss vêm de *Curt Nimuendaju* do texto publicado no ano de 1915 e Wagley e Galvão, que fizeram campo junto aos Guajajara na década de 1940. Minha intenção nessas considerações não é escolher um culpado para a falta de interesse de antropólogos e estudiosos em um longo período da história Tembé, mas sim, fazer um balanço da produção que versa sobre o referido grupo para verificar que fontes bibliográficas vêm sendo consultada

sobre este grupo indígena, tarefa desafiadora para os antropólogos, os quais juntam dados aqui e ali em textos das mais diversas áreas.

Wagley e Galvão, por exemplo, apresentam em sua obra a versão de que os *Tenetehara* que estão na Terra Indígena Alto Rio Guamá, seriam oriundos da região do rio Pindaré no estado do Maranhão e teriam migrado por volta da primeira metade do século XIX para a margem direita do rio Guamá. No entanto, outra teoria, menos aceita, propõe que esta não seria o local de origem, mas sim um dos locais de trânsito dos Tembé (SALES, 1999); ainda há uma terceira possibilidade que permite pensar o referido grupo como oriundo da região do Xingu para a atual área do nordeste amazônico, junto com os Tapirapé, por volta de 2 a 3 mil anos, algo constatado através das características linguísticas (GREG URBAN, p. 92). Os primeiros relatos sobre os *Tenetehara* aparecem em documentações de cronistas e exploradores na região do Pindaré, desde os séculos XVII e XVIII (WAGLEY e GALVÃO, 1961). Esta migração se dá devido ao processo de colonização no sentido leste – oeste, no estado do Maranhão, forçando o grupo a ir para região do rio Gurupi.

Assim, os Tembé, já na região do rio Gurupi, se dividem indo em direção aos rios Guamá e Capim (ZANNONI, 1999) e um quarto grupo vai mais além, até a região da Colônia do Prata, próximo ao rio do Prata, lugar em que foram aldeados por religiosos da ordem dos Capuchinhos, que segundo Palma Muniz (1913) se deu por permissão dos próprios Tembé. No entanto, a permissão dada pelos índios para o aldeamento seria, na verdade, uma forma coercitiva do próprio governo para com os índios, pois, houve, embora de forma velada, o emprego de ação violenta contra os Tembé, como afirma Garcia (2015, p. 71), ao abordar questões sobre a resistência do grupo, em pesquisa: “ Este, entendido como processo político imposto a uma etnia que compreende a ‘desintegração’ cultural e linguística desenvolvida em contextos de extrema violência, ou de ‘cordialidade violenta’ não implicando necessariamente em destruição física.”

Dessa forma, verifiquei que as obras que são referências para estudar o povo Tembé, na maioria dos casos não tratam especificamente sobre estes indígenas, isso pode ser verificado quando analisamos o texto de Wagley e Galvão (1961), em que os autores realizaram atividade de campo entre os Guajajara, como falei anteriormente, ou mesmo em outras obras em que os autores nem são antropólogos, como é o caso do texto de Dodt (2008 [1873]) e Palma Muniz (1913), ambos engenheiros, e, por isso, precisam ser analisadas no contexto no qual foram escritas, considerando os objetivos e as habilidades daqueles que as escreveram, para assim contribuir, resguardadas as devidas críticas sobre o resultado da imagem dos índios que são repassadas nestes textos.

Os Tembé da região do Rio Gurupi são citados no texto de Dodt (como já mencionado), que foi destacado para fazer um levantamento físico e social da região do rio Pindaré e Gurupi, onde a presença de negros, regatões e índios de outras etnias aparecem na sua descrição sobre o alto Rio Gurupi. Os Tembé recebem destaque em sua obra com detalhes ricos sobre esta sociedade encontrada ainda no século XIX no nordeste da Amazônia. Por isso, o livro foi publicado em 1873 e não figura como uma obra de antropologia, apesar de ser uma das leituras obrigatórias para quem pesquisa o grupo em questão. No texto o autor destaca a relação matrimonial entre negros e indígenas, além disso, ressalta também que os Tembé passavam por uma grave epidemia que dizimou, naquele momento, grande parte dos índios, e os indivíduos não doentes haviam se refugiado no mato, deixando para trás suas aldeias. Digo isto, para destacar que de certa forma, as informações importantes para entender a trajetória histórica desse acabam sendo apresentadas carregadas de preconceitos que generalizavam e simplificavam este grupo diverso.

Ademais, as primeiras pesquisas antropológicas sobre os Tembé se limitaram a visitas a região do rio Gurupi, o que de certa forma deixa os Tembé de Tomé-Açu, citando caso análogo, sem escritos de antropólogos no começo do século XX. Por isso, os interessados nessa parte do grupo, os da região do rio Capim, recorrem às leituras referentes aos Tembé do Guamá e Gurupi. Assim, tais leituras citam, esporadicamente, a migração de parte dos Tembé do Gurupi para a região do Capim ainda na primeira metade do século XIX. Esta afirmativa pode ser constada na obra de Mércio Gomes, que publica o livro resultante de sua defesa de doutorado em 1971, o qual foi orientada por Charles Wagley na Universidade da Florida e que se intitula “O índio na História: o povo *Tenetebara* em busca de liberdade”, onde mesmo aduz que:

Por volta da terceira década do século XIX, desencadeou-se a migração de grupos *Tenetebara* rumo a oeste, para o rio Gurupi, na atual fronteira entre os estados do Maranhão e Pará, e além, para os altos cursos do rio Capim e Guamá, e então eles ganharam o nome de Tembé, que significa simplesmente “lábio” na fala tupi da época, provavelmente em alusão ao hábito de furar o lábio inferior para colocar um tembetá, que poderia ser um cilindro de resina ou uma taquarinha. Ainda hoje, os *Tenetebara* são conhecidos por Tembé nessa região do Pará, amora há muito tempo não use mais enfeite labial. (GOMES,2002, p. 49).

O trecho acima apresenta uma série de informações históricas, de migração, e costume, sobre os Tembé. A pesquisa de Mércio Gomes é, provavelmente, o único trabalho antropológico que cita os Tembé nesta lacuna temporal da antropologia feita sobre o grupo, apesar de que desde a década de 1940 o Serviço de Proteção ao Índio manteve os Tembé do Guamá sob

regime tutelar na Reserva Indígena Alto Rio Guamá. Digo isso para fortalecer a ideia de que este órgão do governo, que é responsável por administrar uma reserva para indígenas e está na região há tempo, não ter demonstrado interesse pela escrita antropológica sobre o grupo. Dessa forma, e retomando a discussão de parágrafos acima, pode-se ratificar a importância que tem uma teoria, visto que, possui tanto poder de fortalecer, quanto também influenciar no enfraquecimento da imagem de qualquer grupo que seja. Como pude observar no artigo de Expedito Arnaud (1985), o primeiro, após o texto de Jorge Hurley (1920), que relata o encontro de pesquisadores de povos tupi, por ocasião da XIII Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, ocorrida no estado de São Paulo, com a participação de diversos nomes importantes na pesquisa antropológica sobre povos Tupis, que trata especificamente sobre os Tembé do alto rio Guamá.

Em seu artigo, Expedito Arnaud apresenta uma diversidade de informações importantes sobre a trajetória do grupo, objetivando situar os Tembé no que diz respeito ao “desenvolvimento” nacional. Neste texto, intitulado “O direito indígena e a ocupação territorial: o caso dos índios Tembé do Alto Guamá (Pará)”, há dados históricos sobre os contatos iniciais destes nas regiões de origem, além de informações sobre sua presença no Guamá, bem como há o relato de problemas ligados a terra, citando, por exemplo, a presença da Fazenda Irmãos Coragem dentro da TIARG, tal presença concedida pela própria FUNAI, área que seria retomada pelo grupo em 2015, em um dos processos de retomada de terra mais antigos da justiça brasileira, inclusive foi um dos assuntos que recebeu atenção na dissertação de mestrado da pesquisadora Sara Alonso.

Em 1996, Sara Alonso apresentou no programa de pós-graduação em Antropologia Social um estudo sobre identidade e cultura dos Tembé do Guamá, orientada por João Pacheco de Oliveira, no Museu Nacional, pesquisa que lhe rendeu o título de Mestre em Antropologia Social. Na referida pesquisa, Sara Alonso afirma ter feito campo nas aldeias da região do Rio Guamá e Gurupi. Situação que lhe permitiu a construção de um trabalho etnográfico que trata sobre o processo de retomada da terra pelos Tembé após a constituição de 1988 e para isto, a autora recorre a autores que direcionaram suas reflexões acerca de temas como identidade, território e poder. Após Sara Alonso, Noêmia Pires Sales, que preparou basicamente um relatório sobre a situação dos índios Tembé do Guamá com seu território em texto intitulado “Pressão e Resistência: os índios Tembé *Tenetehara* do Alto Rio Guamá e a relação com o território” (1999), com dados de campo e pesquisa documentais recolhidos durante onze anos, o trabalho de Noêmia Sales é rico em dados sobre a realidade das aldeias com uma descrição muito densa, por isso, rica em detalhes.

Ainda posso mencionar os trabalhos de Lena Claudia dos Santos Amorim Saraiva com texto intitulado “Os Tembé do rio Guamá e do rio Gurupi: Um estudo etnográfico do conhecimento tradicional sobre o território na constru o da identidade.”(2012), Vanderlúcia da Silva Pontes Com O Trabalho “Os *Tenetebara* Tembé do Guamá e do Gurupi, povo verdadeiro!: “saúde diferenciada”, território e indianidade na a o pública local” (2014), Weleda de Fátima Freitas com disserta o intitulada “Decora o corporal e educa o nos rituais de puberdade Tembé” (2015), ambos trabalhos de cunho antropológicos oriundos de programas de p s-gradua o ligados a Universidade Federal do Pará.

Na contramão dos trabalhos acima citados, influenciados pela teoria de Viveiros de Castro (2002), minha disserta o de mestrado que, com uma influência dos clássicos trabalhos de etnologia e de maneira reflexiva, tentei dar conta da cosmologia Tembé através das narrativas mitológicas, focando os rituais de gravidez, de morte e *p s-morten*, além de um capítulo que buscou pensar o lugar do Outro na cosmologia do grupo, disserta o intitulada “Cosmologia *Tenetebara* Tembé: (re)pensando narrativas, ritos e alteridade no Alto Rio Guamá-PA”(2014). Some-se a esta pesquisa, o texto de Rodrigo Gomes Lobo “Naturezas esfumaçadas: os Temb  e o comércio de crédito de carbono” (2016), a análise de Lobo d  ênfase às negocia es que envolvem os projetos de crédito de carbono mostrando divergências cosmogr fica. Estas duas foram influenciadas a partir de teorias que propõe um exercício de pensar o outro a partir de elementos cosmológicos pertencentes aos próprios nativos. Além desta, mais recentemente, minha tese de doutorado, apresentada no programa de p s-gradua o em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, em trabalho intitulado Os Tembé na Cidade: territorializa o, trajetória e História dos Tembé que residem em Capitão Poço/Pa.

Desta forma, as análises que foram feitas precisam ser pensadas para além de suas liga es com agentes indígenas de outras aldeias, mas podem ser incluídos, também, quilombolas e ribeirinhos. Assim, essas rela es me permitiram propor uma análise da conforma o do processo de territorializa o do grupo, além de viabilizar a tessitura de entendimentos das várias situa es históricas as quais esses agentes indígenas foram submetidos, o que foi feito a partir da ado o de uma abordagem de cunho processual. Portanto, considero que, tanto em rela o   constru o da imagem do  ndio pela academia, assim como a rela o desses agentes indígenas com os não indígenas e com questões ligadas a momentos de embates e alianças entre os Tembé do Guamá com institui es como o Serviço de Prote o ao  ndio, Funda o Nacional do  ndio, Secretaria Executiva de Educa o do Estado Pará e a demonstra o das trajetórias de tais agentes nativos e demais agentes com quem esses mant m

relações, foram relevantes para esta pesquisa que se propôs a pensar sobre os processos que levaram a conformação das diversas identidades dos Tembé.

Portanto, as pesquisas antropológicas que foram e que vêm sendo escritas sobre os Tembé dão conta de assuntos relacionados à identidade, território e, mais recentemente, enveredaram por questões ligadas as relações com não-humanos⁶. Apesar disso, é visível a incipiência de trabalhos sobre os Tembé, permitindo que existam lacunas de diversos assuntos relacionados ao grupo. Assim, ressalto que este breve ensaio representa uma contribuição e fonte para análise de futuros pesquisadores, além disso, possui a pretensão de realizar uma reflexão crítica de nosso ofício, estudiosos das sociedades, para que possamos pensar com mais cuidado sobre os resultados de nossas pesquisas para a construção da imagem de grupos tão diversos e dinâmicos como os indígenas.

REFERÊNCIA

ALONSO, Sara. Os Tembé de Guamá: processo de construção da cultura e identidade Tembé, Rio de Janeiro, 1996.

AMOROSO, Marta Rosa. Nimuendajú às voltas com a história. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, V. 44 n° 2, 2001.

ARNAUD, Expedito. O direito indígena e a ocupação territorial: o caso dos índios Tembé do Alto Guamá (Pará). Rev. do Museu Paulista. São Paulo: USP, v. 28, n.s., p. 221-33, 1984.

COELHO, José Rondinelle Lima Coelho. Cosmologia Tenetehara Tembé: (re)pensando narrativas, ritos e alteridade no Alto Rio Guamá. Xf. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Amazonas, 2014.

_____. Karuwara: observando sobrenaturais entre os Tembé do Guamá. Revista de Estudos Amazônicos-UFPA. Vol. XIII. Belém, 2015.

DODT, G. Descrição dos rios Parnaíba e Gurupi. Imperatriz, MA: Ética, 2008[1973]

⁶ Grafia adotada da obra de Viveiros de Castro 2002.

FREITAS, Weleda de Fátima. Decoração Corporal e Educação nos Rituais de Puberdade Tembé, 2015.

GOMES, Mércio Pereira. O índio na história: o povo Tenetehara em busca da liberdade. Petrópolis: Vozes, 2002.

WAGLEY, C. & GALVÃO, E. Os índios Tenetehara. Uma cultura em transição. Rio de Janeiro, MEC/Serviço de Documentação, 1961.

HURLEY, Jorge. Viagem à aldeia dos Tembé Alto Guamá. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, p. 237- 385, 1920.

_____. Nos Sertões do Gurupy. Belém: Oficinas Graphics do Instituto Lauro Sodré, 1928.

LOBO, Rodrigo Gomes. Naturezas esfumaçadas: os Tembé e o mercado de crédito de carbono. PPGAS/Universidade de São Paulo, 2016.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O cru e o cozido. Mitológicas 1. São Paulo, CosacNaify, 2004.

_____. Do mel às cinzas. Mitológicas 2. São Paulo, CosacNaify, 2004.

_____. Reagregando o Social: uma introdução à teoria ator-rede. Salvador: EDUFBA-Edusc, 400 p., 2012.

MUNIZ, Palma. 1913. O Instituto Santo Antônio do Prata (Município de Igarapé-Assú). Belém: Typ. da Livraria Escolar.

MONTEIRO, John Manuel. “O Desafio da História Indígena no Brasil”. In: SILVA, Aracy Lopes da. E GRUPIONI, Luís Donisete. A Temática Indígena na Escola. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

NIMUENDAJÚ, Curt Unkel. 1915. Sagen der Tembé-Indianer. (Pará und Maranhão). Zeitschrift für Ethnologie 47, Berlin, 1915.

PONTE, Vanderlúcia da Silva. “Os Tenetehara Tembé do Guamá e do Gurupi, povo verdadeiro! “saúde diferenciada”, território e indianidade na a o pública local”, (2014).

SALES, No mia Pires. Pressão e Resistência: os  ndios Tembé-Tenetehara do Alto Rio Guamá e a rela o com o território. Belém: UNAMA, 1999.

URBAN, Greg. A História da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: História dos índios no Brasil. Manuela Carneiro da Cunha –São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: Fapesp, 1992.

ZANONNI, Cláudio. Conflito e coesão: o dinamismo Tenetehara. Brasília, DF: Conselho Indigenista Missionário, 1999.